

A romaria do Juazeiro do Padre Cícero Romão e as facetas da espiritualidade missionária

The pilgrimage of Juazeiro by Padre Cícero Romão and the facets of missionary spirituality

Jose Artur Tavares de Brito
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Brasil

Resumo

A romaria a Juazeiro do Norte/CE é um dos maiores eventos religiosos do Brasil e, por seu caráter de resistência popular, tem atraído a atenção de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento, que buscam explicar suas origens e motivos, bem como os seus processos e transformações. O padre Cícero Romão, juntamente com o fenômeno das romarias do Juazeiro do Norte, representa uma história que só pode ser compreendida a partir de um cenário mais amplo, no qual se desenvolveu uma Igreja de missionários populares como Ibiapina, Conselheiro e Zé Lourenço. O objetivo deste artigo é analisar o fenômeno da romaria do Juazeiro do padre Cícero Romão em perspectiva de missão dentro de um cenário de grandes e marcantes conflitos entre a hierarquia da Igreja católica, religiosidade popular e o Estado brasileiro. Para a missão acontecer e ter continuidade surgiram personagens que se deixaram evangelizar pelos pobres como monsenhor Murilo Barreto e as religiosas Ana Teresa e Annette Dumoulin. Constatou-se que o movimento religioso popular do Juazeiro revela um potencial social subversivo, escondido sob as aparências de passividade alienada, caracterizando um Cristianismo Místico Beato em torno das romarias do padre Cícero, que faz parte de um universo simbólico, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária. Assim, situa historicamente as romarias do Juazeiro do Norte, ressaltando a autoprodução religiosa popular que transformou a região do Cariri cearense em importante centro de peregrinação no Nordeste do Brasil. Identifica a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão como protagonistas de uma liturgia própria, uma espiritualidade que se desenvolve em negociações com poderes públicos e com a Igreja.

Palavras-chave

Religiosidade popular.
Romaria e missão.
Espiritualidade romeira.
Pobre e oprimido.
Igreja em saída.

Abstract

The pilgrimage to Juazeiro do Norte / CE is one of the biggest religious events in Brazil and, due to its character of popular resistance, it has attracted the attention of researchers in several areas of knowledge, who seek to explain its origins and motives, as well as its processes and transformations. Father Cícero Romão together with the phenomenon of the pilgrimages to Juazeiro do Norte represents a story that can only be understood from a broader scenario, where was developed a Church of popular missionaries like Ibiapina, Conselheiro and Zé Lourenço. The objective of this article is to analyze the phenomenon of the pilgrimage to Juazeiro of Father Cícero Romão in a mission perspective within a scenario of great and marked conflicts between the hierarchy of the Catholic Church, popular religiosity and the Brazilian State. For the mission to happen and continue, there were characters who let themselves be evangelized by the poor, as Monsignor Murilo Barreto and the religious women Ana Teresa and Annette Dumoulin. It was found that the popular religious movement of Juazeiro reveals a subversive social potential, hidden under the appearances of alienated passivity, characterizing a Blessed Mystical Christianity around the pilgrimages of Father Cícero, who is part of a symbolic universe, marked by the inclusion of the poor and for solidary communion. Therefore, it historically situates the pilgrimages of Juazeiro do Norte, highlighting the popular religious self-production that transformed the Cariri region of Ceará into an important pilgrimage center in the Northeast of Brazil. Identifies the pilgrims of Father Cícero Romão as protagonists of their own liturgy, a spirituality that develops in negotiations with public authorities and with the Church.

Keywords

Popular religiosity.
Pilgrimage and mission.
Pilgrims spirituality.
Poor and oppressed.
Church in exit.

Introdução

Tanto a cultura do missionário como a cultura do interlocutor podem ser obstáculos à transmissão da palavra de Jesus Cristo. No caso de Jesus também, os judeus confundiram os sinais com a palavra, os sinais do reino com o reino, pensando que os sinais já eram a realidade. Sempre haverá essa ambiguidade. Pois os homens sempre estarão inclinados a esperar uma salvação que lhes venha da parte de fora, por exemplo, uma salvação dada pelo missionário, antes do que uma salvação pela qual eles próprios seriam responsáveis¹.

Não por acaso a parcialidade de Deus pelos pobres e a centralidade da libertação na revelação e na fé bíblicas foram

¹ COMBLIN, José. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 54.
Fronteiras, Recife, v. 4, n. 1, p. 165-187, jan./jun., 2021

redescobertas precisamente num continente marcado pela pobreza e pela opressão².

No Brasil, há várias experiências de romarias. A romaria possibilita uma espiritualidade particular, embora haja uma única espiritualidade cristã, a do seguimento de Jesus, que pode ser vivida de maneiras diferentes, conforme as situações em que estamos e as opções de vida que fazemos. Toda espiritualidade, para ser verdadeira, é missionária também, não há como separar. As romarias se apresentam como um campo rico em possibilidades de pesquisa, de averiguação de um fenômeno que cultiva uma espiritualidade em movimento³.

O fenômeno das peregrinações tomou dimensão alargada na contemporaneidade e oferece possibilidades de análises diversas. Destacamos a continuidade e a mudança que surgem a partir de tensões e contradições na concepção do fenômeno, os hibridismos presentes que suscitam maior aprofundamento. As persistências culturais, relacionadas à dimensão ritual, nos dão imensos campos de análise.

A romaria é um caso de amor. O amor faz da vida uma missão. Na romaria, embora se faça uma devoção pessoal, o compartilhamento é coletivo. Faz parte da natureza da romaria sair de si, relacionar-se, partilhar a vida com outras romeiras e romeiros. A romaria brota de um desejo de viver uma experiência no caminho.

Através dos estudos de religião, já no século XX, se percebia que a religião não é um modo arcaico do pensamento científico. É, ao contrário, um espaço distintivo da prática e da crença humana. Estudar o fenômeno das romarias possibilita uma análise que incorpora, além do lazer e consumo, que fazem parte da experiência, as tensões e contradições vivenciadas no intuito de ressignificação do sagrado. No caso das romarias para o Juazeiro do padre Cícero Romão, a trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro do

² AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica: práxis teologal*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 144.

³ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

Norte, delineia um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que falta aoromeiro e àromeira.

A obra de Geertz, *A Interpretação das Culturas*, que aborda “a religião como sistema cultural”⁴, é bem provocativa ao afirmar que a antropologia da religião está em estado de estagnação, que vive da reduplicação solene, do academicismo. Segundo ele, os estudos antropológicos sobre religião, realizados na segunda metade do século XX, não trazem grandes inovações, a não ser enriquecimento empírico. Para Geertz, esses estudos continuam utilizando o capital conceitual de estudos anteriores, utilizando uma tradição intelectual estreitamente definida que inclui Durkheim, Weber, Freud ou Malinowski.

É nesse aspecto que me inspiro na afirmação de Geertz de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”⁵. Embora essa distinção entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma”⁶.

O antropólogo americano Marshall Sahlins, em diálogo com o estruturalismo, nos anos de 1970, cunhou a frase: “quanto mais uma coisa permanece, mais ela se transforma”⁷. Esta frase viria a se tornar um dos axiomas fundamentais da antropologia da história. A romaria ao Juazeiro do Norte é um desses eventos de longa duração que, embora possa ser analisada em sua continuidade, vem se transformando desde seu início, final do século XIX, até os dias de hoje. Ainda que tenhamos que considerar os pobres como a espinha dorsal desse fenômeno.

Gustavo Gutiérrez, teólogo da libertação, faz uma pergunta: “onde

⁴ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

⁵ GEERTZ, 1999, p. 155.

⁶ GEERTZ, 1999, p. 153.

⁷ SAHLINS, Marshall. *Historical metaphors and mythical realities*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986, p. 72.

dormirão os pobres?”⁸. Padre Cícero Romão, monsenhor Murilo Barreto e as religiosas Ana Teresa e Annette Dumoulin tentaram dar uma resposta marcada por uma vida totalmente doada as romeiras e romeiros dos sertões nordestino.

Sem o pobre e o oprimido não há romaria ao Juazeiro do padre Cícero Romão. O pobre concreto foi sempre uma preocupação central do fundador do Juazeiro e que continuou presente através de alguns missionários e missionárias que mantiveram a chama acesa. O tema da opção preferencial pelos pobres não é somente uma pauta pastoral e uma perspectiva de reflexão teológica, é, em primeiro lugar, um movimento espiritual no qual o povo romeiro pode confiar a sua sofrida vida.

Monsenhor Murilo (1930 - 2005): uma Igreja que aprende com os pobres

Como ‘o Vigário do Nordeste ou como ‘o padre-romeiro’, padre Murilo é suficientemente inteligente para saber o que está fazendo. Sem as amarras da censura, ele fica livre para fazer a grande Nação Romeira pulsar forte no coração dos nordestinos, reavivando a fé na Palavra de Deus, na devoção a Nossa Senhora das Dores e a admiração pelo padre Cícero Romão e, por outro lado, contribuindo para que as romarias continuem sendo o maior suporte da economia juazeirense⁹.

As romarias surgiram e se desenvolveram com apoio de diversas pessoas que dedicaram sua vida à causa dos romeiros e romeiras. E esse empenho converge plenamente com os anseios do Papa Francisco, que prega uma Igreja Católica em saída ao encontro dos mais pobres. Monsenhor Murilo de Sá Barreto foi uma dessas pessoas que, por quase 50 anos, desenvolveu um serviço ininterrupto aos romeiros e romeiras.

Murilo de Sá Barreto nasceu na cidade de Barbalha, no Vale do Cariri, em 31 de outubro de 1930. Na tradição de muitas figuras importantes como

⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 111.

⁹ WALKER, Daniel. *Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009, p.20.

Hélder Câmara e padre Cicero Romão, Murilo entra para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, e faz os cursos de filosofia e de teologia, de 1952 a 1957. Foi ordenado sacerdote em 15 de dezembro de 1957, na Matriz da cidade de Barbalha, sua cidade natal. Em 1966, passou a pároco da Matriz de Nossa Senhora das Dores, cargo no qual se manteve até o final de sua vida, em 2005.

Monsenhor Murilo promoveu, de forma abnegada, o reencontro dos romeiros e romeiras com o padre Cícero Romão, a partir da mística das romarias. No início, sentia-se sozinho para manter a linha de defensor dos romeiros e romeiras que vinham ao Juazeiro de muitas regiões do Nordeste. Mas, encontrou grandes colaboradoras na figura das religiosas da Congregação de Nossa Senhora: irmãs Annette Dumoulin e Ana Teresa. Outra figura que não pode ser esquecida é Dom Fernando Panico, quarto bispo da diocese de Crato (2001-2016), e o responsável pela reabertura do processo de reabilitação do padre Cícero, tendo sido, desde então, o principal bispo defensor do padre Cícero Romão.

Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto, pelo efetivo compromisso com a missão junto aos romeiros e romeiras, como também na formação educacional, cultural e religiosa do povo do Cariri, tornou-se uma das mais conhecidas, respeitadas e queridas figuras humanas da região. Monsenhor Murilo foi, por 48 anos, pároco do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, paróquia cujo espaço de influência não se restringe aos limites geográficos dessa cidade, tendo ressonância pelas vastidões do Sertão, Agreste e Zona da Mata do Nordeste brasileiro. Sabe-se que sua ação missionária se ampliou também por cidades, povoados, vilas e sítios, onde habitava, sem dúvida, um fiel da nação romeira nordestina. Por tudo isso, Monsenhor Murilo sempre foi conhecido como o Vigário do Nordeste e sempre contribuiu, de forma significativa, para a divulgação e valorização do que se convencionou chamar de nordestinidade.

Monsenhor Murilo tinha uma visão ampla dos acontecimentos da cidade do Juazeiro do Norte. É dele a frase: “Juazeiro é um lugar de pouca

geografia e muita história”¹⁰. Tinha uma aguda curiosidade de compreender os acontecimentos e não dispensava, para isso, o estudo das ciências, como se pode ler em um de seus depoimentos:

Realmente, a pesquisa, em qualquer ramo das Ciências, encontra farto material para suas observações. O que se tornou abundante. Agora crescente é o fenômeno de suas romarias. Justifico a expressão pelas peculiaridades de que se dotam as romarias de Juazeiro: são feitas, durante o ano todo; à cidade, e não só a um epicentro único; envolvem um Padre não reconhecido por santidade da Igreja, oficialmente; carentes de incentivos oficiais do governo; sem financiamento das companhias de turismo e sem reconhecimento da hierarquia eclesiástica¹¹.

Percebe-se que o foco da atividade missionária do monsenhor Murilo eram as romarias, que tinham fluxo contínuo, isto é, o ano todo. Via a cidade como um grande santuário, onde o romeiro e romeira transformavam o Juazeiro num imenso santuário. O santuário era a própria cidade, que, para a fé popular, exalava santidade. Colocava-se como defensor de um padre injustiçado e que não era reconhecido pela Igreja oficial. Reclamava do abandono das autoridades para com o Juazeiro. E, por fim, fazia uma queixa da hierarquia eclesiástica que não reconhecia e não apoiava o que acontecia no Juazeiro, pois Dom Fernando Panico, que se colocou como grande defensor dos romeiros e romeiras, só assumiu a diocese de Crato em 2001.

O livro da vida do monsenhor Murilo tem muitos ensinamentos de alguém que, por 48 anos, conviveu com a realidade das romarias. Tem uma palavra forte a dizer a todo pesquisador. Assim, ele continuou com seu olhar etnográfico:

a envolvência do sagrado, no contexto da romaria, deve abranger ritual de origem, rito de ambulatório, chegada no Centro-Santuário. Em Juazeiro, a grande motivação inicial é a visita do Nordeste à Imagem de Nossa Senhora das Dores que se venera na igreja Matriz, Padroeira da Cidade. Mas não se

¹⁰ SÁ BARRETO, Murilo de. *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Gráfica Mãe das Dores, 1998, p. 19.

¹¹ SÁ BARRETO, 1998, p. 42.

restringe a ela. Os romeiros se espalham na Cidade como num todo. Transformam Juazeiro num imenso Santuário, em que se visitam suas igrejas, pagam-se promessas, pisam-se o solo e o chão marcado pelo Padre Cícero. Enquanto isso, transferem suas experiências, fotografam-se e se revelam. Basta um ligeiro olhar, um diálogo atencioso com estes homens e mulheres que vestem roupas de promessa, cortam as ruas de nossa cidade, sem o menor acanhamento, para se ter tentação de perguntar, de admirar, de aprovar, de rejeitar¹².

Os protagonistas da romaria são os romeiros e as romeiras e essa centralidade é fortemente percebida pelo monsenhor Murilo. Os testemunhos correntes, que são dados sobre ele, atestam sua defesa intransigente de todos que chegavam ao Juazeiro para fazer sua romaria. Ele faz um casamento muito explícito das duas figuras: do praticante e do peregrino (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98). E assim diz:

Hoje as observações pastorais já cresceram mais. Saíram do anel de supervisão do alto e do poder, para uma observação de mais perto. Há desafios gritantes às equipes de pastorais de Santuário. O sujeito da romaria é o romeiro. Ele é o agente, é o ministro, é o protagonista. Não rechaça a presença da instituição hierárquica, até precisa do Padre, mas numa parceria de culto que se completa. A romaria a Juazeiro exige uma definição pastoral que, de um lado guardasse fidelidade ao Evangelho e, de outro lado, não deixasse apagar a ‘fumaça que ainda fumeja’¹³.

A preocupação centra-se na pergunta fundamental: quem é o romeiro do Juazeiro? “É alguém de acentuada definição de pertença à Igreja, sua fé é comunitária e rica de símbolos, partilha, de gestos que tocam o Sagrado, é respeitosa, é existencial”¹⁴. O quesito de pertença à Igreja deve ser entendido no sentido lato, ou seja, em grande medida, o povo romeiro faz um caminho próprio, por fora da instituição. Sua pertença é muito mais numa dimensão de rede e ligações com grupos de romaria do que de assiduidade paroquial. E monsenhor Murilo sabia muito bem desse movimento. Por isso, chega a dizer

¹² SÁ BARRETO, 1998, p. 43.

¹³ SÁ BARRETO, 1998, p. 43.

¹⁴ SÁ BARRETO, 1998, p. 44.

que o romeiro e a romeira não rechaçam a presença da instituição hierárquica, até precisam do padre, mas numa parceria de culto que se completa. Essa percepção é muito importante porque afirma um reconhecimento do protagonismo da fé romeira, da fé peregrina que, segundo Hervieu-Léger, “encarna uma forma extremamente antiga e perene da religião e da sociabilidade religiosa”¹⁵

O olhar de grande observador não deixa passar o registro dos gestos de homens e mulheres que, sinceramente, encontram sentido através de sua prática ritual, como se lê em um de seus depoimentos:

A força maior dos gestos dos romeiros são os toques nas imagens, o movimento do corpo, o símbolo dos chapéus de palha, altamente significativo porque é companheiro de luta na vida dos nordestinos. A romaria de Juazeiro é uma Festa. São os simples que se encontram. São encontros que se irmanizam e celebram. Uma celebração irrigada que escorre do rosto marcado pelas rugas e suor, a que se juntam lágrimas por vezes contundentes e que falam a linguagem do silêncio, **que contesta sem ruídos orquestrados**. É uma **transfusão de sangue vivo na alma devota**, desgastada por todas as forças do secularismo, por mudanças precipitadas na condução do serviço da Igreja¹⁶.

Texto belíssimo que expressa a alma do povo romeiro na sua sutileza. Quando diz que a romaria de Juazeiro é uma festa, o faz porque é nessa festa que o romeiro e a romeira fazem a sua Páscoa. Tem consciência de que “a prática romeira sente contestação há muito tempo”¹⁷. Por isso, vê claramente que deve se aproximar da “iluminação científica”¹⁸, para fundamentar e fazer valer uma experiência dos pobres que se expressa pela resistência contestatória, sem ruídos orquestrados. Para ele, a experiência romeira é algo tão forte que pode ser comparada com uma transfusão de sangue na alma. Certa vez, quando perguntado sobre o que o romeiro e a romeira buscam no Juazeiro, disse:

¹⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 87.

¹⁶ SÁ BARRETO, 1998, p. 45, grifo nosso.

¹⁷ SÁ BARRETO, 1998, p. 45.

¹⁸ SÁ BARRETO, 1998, p. 45.

O romeiro é alguém que vem de sua terra à cidade de Juazeiro do Norte e traz no coração a devoção de Nossa Senhora das Dores e a veneração ao Pe. Cícero, que é também para ele, ‘Padrinho’. Em todo lugar que o Pe. Cícero pisou faz parte da caminhada mística dos romeiros¹⁹.

Monsenhor Murilo sente que os desafios são muito avolumados e vê que é preciso estudar e aprofundar os acontecimentos do Juazeiro para ajudar o povo romeiro e toda a Igreja. Sente-se só para essa tarefa, porque “o padre do Juazeiro” era jogado no ostracismo em vários âmbitos e, principalmente, o eclesiástico. É em relação à necessidade de um embasamento científico que situa o surgimento das irmãs de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho, que colocaram seus estudos a serviço da Pastoral de Romaria. Nesse sentido, ele diz:

as psicólogas da religião deitam seu olhar clínico, não para aumentar o currículo. Mas para ajudar a interpretar, desde a linguagem, até os sentimentos das massas sertanejas que elas veem, não como procissão de miseráveis, senão como, inquietos de Deus, peregrinos de um espaço que não é o centro físico do mundo, mas é o referencial para relacioná-lo com o sagrado²⁰.

“Uma coisa é conhecer a romaria, outra coisa é experimentar”²¹, dizia monsenhor Murilo. Como pessoa do Sertão do Cariri, escutava os ensinamentos dos antigos, que diziam que a primeira condição para entender a história não é estudar a história, mas vivê-la. É fato que o saber de cada pessoa se funda nas raízes da experiência vivida e que esse saber é intransferível. Ele falava da religiosidade popular, que é um fenômeno existencial. É uma experiência de vida de um povo que tem uma característica essencial na formação humana e que se expressa como saber popular. O saber vem da experiência comum de um grupo que lhe tem dado motivo para iniciar a experiência e, ao mesmo tempo, continuar o caminho iniciado. É uma experiência que se expressa como fruto coletivo de um grupo que segue uma tradição envolvendo

¹⁹ MACIEL, Vilma. *Nordeste místico: império da fé*. Fortaleza: UFC, 1999, p. 155.

²⁰ SÁ BARRETO, 1998, p. 46.

²¹ SÁ BARRETO, 1998, p. 46.

muitas vivências, incluindo a espiritual. Chamamos isso de saber popular. Carlos Rodrigues Brandão acrescenta:

O saber da religião popular é uma memória salva pelas redes sociais de trocas entre agentes e usuários, e uma memória viva, enquanto as unidades locais de sua reprodução preservam ativas as condições do trabalho coletivo dos especialistas do sagrado. As unidades de que falo são grupos de consenso, entre agentes de solo ou de duplas rezadoras, capelães, benzedeiros, curandeiros, pais de santo de consultório; ou são equipes corporadas, com estrutura de valor político para dentro e de valor simbólico para fora, entre os agentes que trabalham em grupos - os chefes católicos de ternos de congos, de turmas de santos reis ou São Gonçalo, o pai de santo de terreiro e o dirigente pentecostal com 'igreja' formada²².

Um bom exemplo de saber compartilhado, ou comunitário, tem-se nas romeiras e nos romeiros de regiões distantes do Juazeiro do Norte, que se articulam para promover as festas do dia 20 de cada mês, especialmente a do dia 20 julho, em cada lugarejo, como também para organizar a romaria para o Santuário de Nossa Senhora das Dores. Nesse ínterim, cultivam o conhecimento de plantas medicinais. Havendo alguém doente, consultam-se umas às outras. Isso acontece no Juazeiro e nas regiões de origem. Uma conhece uma planta ou raiz que cura, outra já sabe onde se acha essa planta. Esse fenômeno de sabedoria popular teve início no campo e hoje está presente fortemente nas periferias urbanas. O padre Cícero Romão ensinava o que aprendia, ou seja, como ele era uma fonte de informação, sabia muito sobre a vida do campo, incluindo a sabedoria popular sobre as ervas que curam.

Iniciou, com o monsenhor Murilo, o que se chama pastoral de romaria. A pastoral dedica-se a organizar e dar o suporte a tudo que acontece em torno das romarias. Em suas palavras,

a pastoral de romaria reclama estudo, exige atenção especial.

²² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 160.

A produção literária sobre as romarias de Juazeiro não escapou do carimbo. Ou se falam nelas, ou se falam delas (sobre). Fala-se e escreve-se, tendo-as, como assunto. E por muito tempo, assim, elas sofreram. Foram vítimas de observador, a distância. Por vezes, já compactuado com o preconceito. Ultimamente, aproximaram-se mais, os estudiosos da experiência, tornaram-se romeiros, vestiram a camisa. Surgiram daí fatos novos²³.

Relatando a chegada, pela primeira vez, das irmãs Annette Dumoulin e Ana Tereza no Juazeiro, monsenhor Murilo se referiu a passageiras do trem que respeita os trilhos da cultura popular. Mas quem são essas religiosas, estudiosas do fenômeno de romaria, do Juazeiro do padre Cícero Romão?

Ana Teresa (1935 - 2013) e Annette Dumoulin (1935 - 2021): na missão como com-paixão

Quando as religiosas, irmã Annette e Ana Teresa, chegaram a Juazeiro, à primeira vez, vieram como passageiras do trem que respeita os trilhos da cultura popular²⁴.

Irmã Annette Dumoulin é religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA) e nasceu em Liège, Bélgica, no dia 14 de julho de 1935, e faleceu na cidade do Juazeiro do Norte - CE em 2021, aos 85 anos. Era muito criança quando viveu os horrores da guerra. É doutora em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Foi membro do Centro de Psicologia da Religião da mesma universidade e professora nas faculdades de Teologia, Psicologia e Pedagogia. Em 1976, acompanhou Irmã Ana Teresa numa missão junto aos romeiros e as romeiras do padre Cícero Romão, onde fundaram o Centro de Psicologia da Religião (CPR), entre outras obras, como se verá. Foi, também, professora em diversos seminários e institutos de teologia, entre eles o da Prainha, em Fortaleza, o ITER (Instituto de Teologia do Recife - PE, como visitante no tempo de dom Hélder Câmara) e o Seminário São José, da Diocese de Crato - CE.

²³ SÁ BARRETO, 1998, p. 47.

²⁴ SÁ BARRETO, 1998, p. 48.

Irmã Ana Teresa nasceu na cidade de Guaratinguetá - SP, em 1935, e faleceu na cidade de Juazeiro do Norte - CE em 2013, aos 78 anos. Foi religiosa da Congregação de Nossa Senhora (CSA). Melhor do que ninguém, a companheira de convivência e de pesquisa, Annette Dumoulin, descreve quem foi Ana Teresa:

Nascida em Guaratinguetá, Therezinha Stella Guimarães (ir. Ana Teresa) é parente do primeiro Santo Brasileiro, Frei António de Sant'Ana Galvão. Ela viveu seus primeiros anos à sombra da Matriz Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Entrou na Congregação de Nossa Senhora, da ordem das Cônegas de Santo Agostinho, após seus estudos em Pedagogia na Faculdade Sedes Sapientiae, em São Paulo. Aos 39 anos, e com a experiência de alguns anos como diretora no Colégio Stella Maris, em Santos, ela se lançou na descoberta de um "outro Brasil": o Nordeste! Mas antes, fez dois anos de reciclagem em teologia e psicologia, na Bélgica. Na mesma época, a Universidade de Louvain me ofereceu um tempo de pesquisa no Brasil, na minha especialização em Psicologia da religião. Juntamos então nossos dois projetos e nos lançamos à descoberta do povo nordestino em Recife, no tempo da ditadura militar, sob o olhar profético de Dom Hélder Câmara. Durante doze meses, estudamos na escola dos pobres, nas CEBs, chamadas em Recife, "encontro de irmãos". Queríamos descobrir como nasciam as lideranças religiosas nessa área dinâmica da cultura popular, perseguida pelo regime militar da época. Alugamos uma casinha em Beberibe, na "Linha do Tiro" bairro pobre da Capital de Pernambuco, para nos aproximar o mais possível da realidade desse povo. Foi um ano muito proveitoso, onde tivemos a chance de mergulhar no mundo das Comunidades Eclesiais de base²⁵.

O inesperado acontece, mas segundo a fé da Ir. Annette o que vai sucedendo na vida das duas está presente nos planos de Deus. A viagem para conhecer a terra do padre Cícero Romão foi decisiva para o futuro das duas e também para a Pastoral da Romaria no Juazeiro.

Mas os planos de Deus eram diferentes para nós: Maninha, uma vizinha, tinha pendurado na sua sala, um grande pôster

²⁵ ARRAES, Raquel. Annette Dumoulin: o templo e o caminho. *Revista Cariri*, Juazeiro do Norte, 2012, p. 44.

de um homem, de batina, um padre... "Mas, quem é ele?" perguntava eu no meu português rudimentar da época. Maninha tentava explicar com gestos, palavras e emoções porque tinha tanta devoção nesse Padre... Ana Teresa se lembrava que se tratava do Padre Cícero, líder polêmico de um movimento religioso duvidoso do Nordeste, mas que estava em fase de extinção! Era isso que se sabia do Padre Cícero e de seus devotos no Sudeste do País, nos anos 60! Fomos convidadas pelos pais de Maninha, para conhecer Juazeiro. Mais do que curiosas, aceitamos sem hesitação. Passamos 10 dias na "terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero", na casa de Seu Mocinho e Dona Tita, Rua Padre Cícero. Selvina, lavadeira da família, tinha se liberado de qualquer trabalho e compromisso para nos servir de cicerone. E que cicerone! Tinha passado algum tempo no Caldeirão, com o Beato José Lourenço. Era dessas mulheres sábias, descendente de índios, convicta de sua fé, e que nos oferecia, gota a gota, com prudência, o tesouro de seus conhecimentos em relação ao "mistério" do Juazeiro e do Padre Cícero. Ficamos "encantadas" a ponto de tomar a decisão de continuar nossas pesquisas não mais em Recife, mas nessa "mina a céu aberto" que é Juazeiro do Norte. A oposição silenciosa, mas determinada da Diocese de Crato, em relação às romarias e ao Padre Cícero, nos questionava. Observamos ao mesmo tempo o isolamento e a coragem pastoral do Padre Murilo de Sá Barreto e de seu auxiliar, Padre José Alves, acolhendo com carinho e sabedoria os milhares de romeiros, ditos fanáticos, que acorriam na Matriz das Dores e na Capela do Socorro. Mais do que pesquisadoras, somos cristãs e religiosas consagradas na linha da opção preferencial pelos pobres. Essa situação não podia nos deixar indiferentes! E foi assim que, depois de semanas de reflexão e hesitações, numa noite de São João, na Serra do Catolé, a decisão foi tomada. Pegamos no chão uma cabaça ainda verde e gravamos nosso compromisso: "De todo jeito, voltaremos para o Juazeiro. Ana Teresa e Annette - 24 de junho de 1974". Foi nessa noite que Therezinha Stella Guimarães decidiu enfrentar anos de pesquisa para chegar, em 1983, a defender sua tese de doutorado, objeto desta publicação. Por que um tal esforço? Porque os pobres merecem que a gente se forme para servi-los! Com o apoio de Padre Murilo, planejamos abrir na Matriz das Dores dois centros complementares: "Psicologia da religião", e "Acolhida aos romeiros", cada centro se alimentando do outro, numa dinâmica muito produtiva²⁶.

²⁶ ARRAES, 2012, p. 44-45.

A pesquisa feita por Ana Teresa foi muito importante para dar elementos de análise para uma gama de pesquisadores do fenômeno padre Cícero Romão e as romarias.

A pesquisa feita por Ir. Ana Teresa em 1983, escrita em francês, e defendida em Louvain, Bélgica, demorou para ser publicada. Entretanto, ela não ficou apenas na prateleira empoeirada de uma biblioteca de Universidade. Ela nos serviu de alicerce para construir e realizar, durante mais de 30 anos, um projeto de Pastoral de Romaria na Matriz de Nossa Senhora das Dores, em colaboração com o nosso saudoso Pastor e Mestre, Padre Murilo. O estudo dos arquivos e da correspondência do Padre Cícero nos revelou também o verdadeiro rosto e a personalidade deste Sacerdote. Ir. Ana Teresa hesitou em publicar sua tese na sua apresentação árida, analítica, sistemática, segundo as exigências da Universidade de Louvain. Alguns amigos, entre outros, Antônio Renato Casimiro e Daniel Walker, a convenceram a não diluir ou simplificar a apresentação, pois o método semiprojetivo utilizado era, até agora, único no seu gênero no campo de pesquisa sobre os romeiros do Padre Cícero. Valia a pena uma apresentação sistemática das etapas estatísticas, mesmo fastidiosas, do caminho escolhido pela pesquisadora. Comunguei com essa opinião. Quem sabe se, na leitura deste trabalho, um universitário não se entusiasmaria para reproduzir a pesquisa, com o mesmo método e rigor, hoje, 30 anos depois! Os estudos longitudinais são raros nesse domínio, mas ajudariam muito a verificar em que medida o papel do Padre Cícero junto ao Nordeste, está se modificando²⁷.

O próprio monsenhor Murilo dá testemunho da descoberta das duas irmãs que estavam predestinadas a morarem no Juazeiro. No entanto, é sabido que teve algumas dificuldades no início ficando muito inseguro por causa da conjuntura eclesiástica. Durante quase cem anos, pairava uma sombra nefasta sobre o Juazeiro. Annette Dumoulin guarda uma carta do monsenhor Murilo em que ele, temendo a repressão eclesiástica por parte do bispo da Diocese de Crato, diz: “Não façam isso, não venham para o Juazeiro, não, não abandonem a faculdade! O bispo, Dom Vicente, me chamou ultimamente de aliciador de romeiro! Posso ser mandado embora para outra

²⁷ ARRAES, 2012, p. 44-45.

paróquia. E vocês?”²⁸. Isso mostra a conjuntura complexa que era viver e trabalhar no Juazeiro naquele momento histórico. Mais de duas décadas depois da chegada das religiosas e estudiosas, ele escreve em uma publicação da paróquia:

estavam respondendo a um convite de vizinhos em Recife, que vieram para a reunião de cada ano e renovar a Consagração da Família ao Sagrado Coração de Jesus, prática da maior expressividade da religião do povo. Foi o suficiente para despertar o interesse científico, na vontade de esclarecer, alcançar o significado de outras maneiras interessantes de ler a fé do povo. Posteriormente, ofereceram-se para trabalhar com o povo. Escolheram as vizinhanças da rua do Horto, candelabro sempre aceso, da alma dos simples. Cresceram, investindo sempre no sentido de iluminar o relacionamento Pastoral e Ciência²⁹.

Falando da postura que o Santuário de Nossa das Dores deveria ter com os romeiros e as romeiras, centra sua atenção e seu cuidado no acolhimento e, nesse sentido, as religiosas deram uma fundamental contribuição. Para a pastoral de romaria, uma ação concreta deveria ser o acolhimento e, para isso, deveria estar de prontidão. Essa preocupação deflagrou uma iniciativa de criar uma Sala de Informações para o romeiro e a romeira. O acolhimento passou a ser a alma da romaria e para isso

O Santuário deve estar de prontidão. A romaria acontece nas dimensões geográficas do Santuário. Os romeiros pisam o chão, aproximando-se, devagar, dando voltas em torno da Igreja Matriz. Carregam os gestos e crenças sagradas e aceitam o universo, um tanto mágico. Colocam-se como de fora, porém dignos de uma atitude acolhedora³⁰.

É verdade que a postura da Diocese de Crato vai mudando ante as expressões religiosas dos fiéis em Juazeiro, consideradas durante muito tempo como práticas fanáticas e supersticiosas, sendo assim negadas e ignoradas por

²⁸ OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: UFC, 2016, 254.

²⁹ SÁ BARRETO, 1998, p. 48.

³⁰ SÁ BARRETO, 1998, p. 48.

mais de sete décadas. Annette Dumoulin diz que, juntamente com Ana Teresa, descobriu, pouco a pouco, o isolamento do padre Murilo, pároco da Matriz de Nossa Senhora das Dores:

descobrimos a maneira incompreensível da atitude dos bispos, da hierarquia! Nós descobrimos que o romeiro era duas vezes excluído: primeiro, porque era pobre; segundo, porque era romeiro, sobretudo romeiro do Padre Cícero. Ora, na minha própria vocação, eu queria me colocar a serviço daqueles mais pobres, eu descobri nos romeiros os mais pobres dos pobres, quer dizer: os mais humilhados da parte de minha própria igreja, pecadora e santa. Dizem que é santa, acredito, mas eu acho que é mais pecadora do que santa, mas ela é santa! Tudo bem!³¹.

Chamamos de esteios da romaria não por acaso, porque as romarias do Juazeiro não seriam o que são sem a contribuição de Murilo, Annette e Ana Teresa. Todo bom dicionário vai dizer que esteio é o mesmo que suporte, amparo, apoio, arrimo, base, pedestal, sustento. Os romeiros e as romeiras encontraram, nessas pessoas, um canal de diálogo e compreensão para sua luta de resistência que se expressa no campo sócio-político-econômico-cultural. São muitas lutas para garantir o mínimo do mínimo que é deixar o povo pobre se expressar. Mais uma fala da irmã Annette mostra realmente o que estava e continua “à sombra do Juazeiro”:

Realmente, é necessário tirar sobretudo da cabeça dos intelectuais que a sabedoria popular não vale nada. Às vezes, somos tão pobres, tão fechados, tão pegados em livros e teorias! Não foi tão difícil para mim fazer essa conversão! Porque eu tinha tudo a aprender, chegando de outro mundo! Senti-me realmente ignorante! Vocês imaginem o que é ser belga, europeia, professora de uma universidade das mais conhecidas do mundo, Louvain, a mais antiga da Idade Média, de uma família de classe média, e querer entrar no mundo do Romeiro do Padre Cícero? Quer dizer, chegando aqui, eu precisei e quis realmente me deixar transformar, entrando no mundo do ‘outro’, guardando minha identidade, porque entrar no mundo do outro não significa perder sua identidade, suas raízes. Sim, acredito nisso! Mas é isso que é bonito e

³¹ OLINDA, 2016, p. 248.

enriquecedor, continuando... belga, mas eu não sei como explicar. Vocês podem explicar melhor do que eu. Acredito profundamente que o pobre, o pequeno, o oprimido pode me ensinar uma coisa que eu ainda não sei. Acreditar mesmo! Não fazer de conta. Sempre eu penso assim: **se eu não consigo entender o que o romeiro me diz, não é ele que é imbecil, sou eu que ainda não consegui entender!** Porque o que ele me diz tem a sua razão de ser, ele tem a sua leitura da vida, que não é a minha. Seu vocabulário está cheio de imagens, um pouco como a literatura de cordel! Ele é muito imaginativo, utiliza imagens, tem um pensamento mais abstrato! Eu percebo assim! Então, se eu não entendo a mensagem do romeiro é porque ainda sou ‘burra’, pois ele tem alguma coisa a me dizer e que faz sentido para ele. Eu tenho que me abrir mais para entender, eu posso não estar de acordo, isso é diferente, eu não posso engolir tudo o que ele diz como sendo a única e pura verdade e fazer disso a minha nova visão do mundo, a minha religiosidade. Por exemplo, eu não vou mudar necessariamente a minha maneira de ser cristã! Mas eu tenho que ser autêntica, acreditar que o que ele diz tem valor³².

Esses relatos imprimem uma marca de pessoas que levaram muito a sério o compromisso com os romeiros e as romeiras do padre Cícero Romão. Para conhecer mais profundamente o mundo da romaria, é preciso deixar uma carga de preconceitos que só atrapalham a ver a realidade mais límpida.

As romarias do Juazeiro do Norte estão no rol de experiência vividas pelos pobres na América Latina e expressam um modelo de Igreja centrada nos pobres e marginalizados. Irmã Annette fala que os romeiros e romeiras são quatro vezes marginalizados por uma boa parte da sociedade brasileira: “porque são pobres, porque são nordestinos, porque são romeiros e, pior ainda, porque são romeiros do Padre Cícero!”³³.

Essa realidade das romarias do Juazeiro traz presente um tema importante na Igreja Católica hoje, o da “Igreja em saída”, convocado pelo Papa Francisco. A visão de Igreja contida na Exortação “A Alegria do Evangelho”, do Papa Francisco, tem como referência o magistério e a teologia

³² OLINDA, 2016, p. 239, grifo nosso.

³³ OLINDA, 2016, p. 11.

da América Latina que, historicamente, colocou a centralidade no pobre. A pessoa do pobre visto não de maneira individual, mas de maneira coletiva.

Como não refletir teologicamente a partir desta situação de um Jó coletivo? Já se disse acertadamente que uma teologia que não incluir em seu quefazer esta questão de vida ou de morte não escapa do cinismo, da irresponsabilidade e da completa irrelevância histórica. Quem não escuta a voz do Crucificado nos pobres e oprimidos não está na herança do Jesus histórico e, no fundo, suas palavras são falsas e não tem nada a dizer a Deus nem nada a dizer sobre o Deus da revelação³⁴.

A teologia latino-americana deu suporte e também se alimentou da rica produção de documentos episcopais produzidos após o Concílio Vaticano II. Segundo Comblin

O vaticano II abriu as portas para a liberdade. Teve a ousadia de se deixar conduzir pelos textos do Novo Testamento. A constituição *Gaudium et Spes* reabilitou a liberdade. Imediatamente criou-se toda uma literatura teológica sobre cristianismo e liberdade³⁵.

Monsenhor Murilo, irmãs Annette e Ana Teresa colocaram em prática as opções do concílio. Ao seu jeito, fizeram a opção pelos pobres. Assumiram a missão com toda profundidade e deram testemunho no seguimento do Jesus, o peregrino da Galileia.

Com a morte da irmã Annette Dumoulin em 2021, fecha-se um ciclo. Monsenhor Murilo, Irmã Ana Teresa e Irmã Annette representam um tempo áureo das romarias. Um tempo de Graça! Fecha-se um ciclo esplêndido! Resta o desafio para os que ficam, continuar a missão dessas figuras ilustres da missão popular. Foram protagonistas de uma Igreja em saída como deseja o Papa Francisco.

³⁴ AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 158.

³⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 314.

Considerações finais

De qualquer modo, nada mais importante do que compreender o tempo em que estamos. Antes de qualquer organização pastoral ou missionária, precisamos saber em que época estamos e quais são os sinais dos tempos³⁶.

Eu tenho certeza de que o movimento de Juazeiro a nível popular é uma resistência passiva, e ao mesmo tempo um pouco ativa, em relação à Igreja oficial, hierárquica, porque muitos romeiros que chegam, por exemplo, aqui no Juazeiro, chegam contra a vontade de seus vigários. Primeira coisa: eles vão em romaria e muitas vezes o próprio vigário da região é contra, desvaloriza, mas eles nem ligam. Eles vêm, não brigam com o vigário, não brigam com ninguém, mas eles fazem a sua romaria³⁷.

O fenômeno do catolicismo brasileiro tem sido analisado de inúmeras formas. Sua importância inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. No caso concreto do Juazeiro, essa construção envolve o reconhecimento do laço de pertencimento ao tempo da romaria como fonte de identidade cultural. Foi exatamente esse movimento popular devocional que obrigou a Igreja hierárquica a se posicionar em favor das romarias, mostrando assim uma forte dimensão identitária.

Este artigo quer apenas ser mais um facho de luz no conjunto dos demais estudos de teologia sobre o catolicismo popular, principalmente sobre o fenômeno do padre Cícero Romão e das romarias do Juazeiro do Norte. Esse é um caminho aberto e inacabado.

O cristianismo vivido pelo povo pobre não é uma forma decadente do oficial. Ao contrário, “possui igual dignidade ao encarnar a mensagem de Jesus na cosmovisão popular”³⁸. Além do mais, o cristianismo popular é festeiro, acompanhado de santos e santas protetores que estão no dia a dia das labutas. Há muitas lutas e sofrimentos, mas também muita alegria, que se

³⁶ COMBLIN, 1983, p.93.

³⁷ DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da igreja*. Petrópolis: Vozes, 2017.

³⁸ BOOF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 166.

expressa no colorido das festas, no ritmo das danças e na partilha das comidas e bebidas.

A tradição do Juazeiro segue a herança dos beatos e das beatas do Nordeste que são um exemplo da relação entre a devoção e os problemas concretos da vida. A prática devocional, nesse contexto, é um exemplo concreto porque se guia fundamentalmente pela aguda sensibilidade social. O movimento sociorreligioso de Juazeiro, seus nós, suas tramas, sobretudo aquelas urdidas nas últimas décadas, permitiu a construção de uma perspectiva compreensiva referente à ação dos diferentes atores sociais envolvidos, com o objetivo de contribuir para a reflexão crítica acerca da trajetória do movimento de Juazeiro e para além dele.

Chamamos de cristianismo místico beato a esse movimento em torno das romarias do padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

Percebemos que Monsenhor Murilo e as irmãs Ana Teresa e Annette são continuadores de uma tradição genuína. O fenômeno vivencial do Juazeiro é um ponto de síntese da riqueza das expressões populares de cunho religioso. Não tem como não lembrar as missões do padre e mestre Ibiapina, de Canudos com o beato Antônio Conselheiro e do Caldeirão com o beato José Lourenço que podem ser compreendidos a partir de um mesmo cenário.

Atestamos que a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão são protagonistas de uma liturgia própria, isto é, têm um jeito próprio de celebrar. A espiritualidade, como dimensão fundamental e inerente ao ser humano, está presente na liturgia romeira porque corpo, mente, alma, espírito formam uma unidade. Percebe-se que a romaria carrega muito fortemente a harmonia entre o gesto corporal e sua correspondente atitude interior.

Valiosa contribuição foi dada por missionários e missionárias que se tornaram esteios da romaria. É de conhecimento geral que as romarias do Juazeiro não seriam o que são sem a contribuição de Murilo, Annette e Ana Teresa. Contribuíram com uma liturgia inculturada. Não tiveram a pretensão

de ser uma alternativa ou uma descabida substituição das práticas devocionais populares, mas uma complementação das mesmas.

Quem adota amorosamente os pobres, dedicando-lhes atenção e cuidado, recebe inevitavelmente o reconhecimento de Pai e Mãe dos pobres.

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica: práxis teologal*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ARRAES, Raquel. Annette Dumoulin: o templo e o caminho. *Revista Cariri*, Juazeiro do Norte, 2012, p. 44-53.

BARROS, Marcelo. *Teologias da Liberação para os nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOOF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COMBLIN, José. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 2005.

COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011.

DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da igreja*. Petrópolis: Vozes, 2017.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2014.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MACIEL, Vilma. *Nordeste místico: império da fé*. Fortaleza: UFC, 1999.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: UFC, 2016.

SÁ BARRETO, Murilo de. *Testemunho, serviço e fidelidade*. Juazeiro do Norte: Gráfica Mãe das Dores, 1998.

SAHLINS, Marshall. *Historical metaphors and mythical realities*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986.

WALKER, Daniel. *Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

Trabalho submetido em 30/03/2021.

Aceito em 15/06/2021.

Jose Artur Tavares de Brito

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Recife (2020). Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco (1999). Possui Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1996), Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife (1987). É especialista em Educação à Distância (2011) pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Como antropólogo, se dedica ao estudo da Antropologia da Religião. É integrante do grupo de pesquisa UNICAP/CNPQ Transdisciplinaridade e Diálogo Inter-religioso. Atualmente pertence ao quadro Docente da Universidade Católica de Pernambuco e é membro do Instituto Humanitas - UNICAP. Email: arturperegrino@gmail.com